

O HOMEM QUE CAIU DO AVIAO

POR NICK MORGAN
FOTOGRAFADO POR
CRAIG STENNETT



IMAGINE QUE VOCÊ É PILOTO E QUE HÁ UM HOMEM PENDURADO DO LADO DE FORA DO AVIÃO. SÓ VOCÊ PODE SALVÁ-LO. MAS QUEM VAI FICAR PILOTANDO A AERONAVE?

Dezessete de julho de 2008: um dia ruim para saltar de paraquedas. Era verão, mas estava frio e nublado. Quando o piloto Garth Greyling chegou ao centro de paraquedismo das forças armadas britânicas, no aeroporto de Bad Lippspringe, no centro da Alemanha, não se surpreendeu quando lhe disseram que todos os voos tinham sido cancelados até segunda ordem.

Garth teria de levar um grupo de competidores para o Campeonato de Paraquedismo do Exército. Os iniciantes usariam fitas estáticas e teriam de pousar num alvo especificado, enquanto os paraquedistas veteranos dariam os braços numa série de formações. O mais experiente deles era o mestre de salto, major Jeremy Denning, mais conhecido como Jerry. Seria o primeiro a entrar no bimotor Islander e o último a saltar, só saindo depois de saber que todos estavam bem.

Pular de um avião com um pedaço de pano nas costas é intrinsecamente perigoso, e todas as providências são tomadas para que o salto fique mais seguro. As fitas estáticas são tiras compridas presas ao avião; quando o paraquedista salta, a fita se retesa e abre o paraquedas automaticamente. Paraquedistas mais experientes puxam um acionador para abrir manualmente o paraquedas. Mas, como medida de segurança, todos os paraquedistas usam um dispositivo de ativação automática (AAD, na sigla em inglês). Se o paraquedas principal não abrir, o aparelho percebe a queda rápida e dispara uma pequena carga que rompe o acionador e libera o paraquedas reserva.

Mas, com todas aquelas nuvens baixas, ninguém voaria para lugar algum. Era uma questão de esperar na sala dos pilotos e pôr a papelada em dia. Garth, 34 anos, sentou-se e tomou um gole de café. A sua vida mudara muito no ano anterior. Havia apenas dez meses, ele era engenheiro do Exército, mas o amor pelo voo o fez deixar o posto e aprender a pilotar. Em seis meses, obteve a licença comercial e agora era piloto civil contratado.

O almoço foi torta, feijão e milho na cantina do aeroporto. Então, às cinco da tarde, Garth recebeu a luz verde do controlador de terra da área de salto: “Temos uma abertura nas nuvens a 8.000 pés. Se quiserem saltar, a hora é agora.”

Garth entrou na cabine do Islander, pôs o capacete e ligou o motor.

– Juliet-Sierra-Alfa-Tango, testando, câmbio.

E veio a resposta:

– Recebido, força cinco.

Ele taxiou até a linha de decolagem e os paraquedistas subiram a bordo pela porta de trás. A traseira do Islander é uma fuselagem nua de alumínio, sem um banco sequer. Garth recordou o professor lhe dizendo: “O peso é inimigo do avião.” Agora, com carga total, o avião reagia mais devagar.

Garth puxou o *manche* e sentiu a fricção sumir das rodas. Por mais decolagens que fizesse, ele nunca perdia a emoção de estar no ar.

O Islander, impelido por duas hélices, obedecia como um cordeirinho. A ca-

bine era à moda antiga, com alavancas e lemes. Aquilo é que era voar de verdade, sem nada sofisticado como piloto automático a bordo. Durante a aprendizagem, o instrutor de Garth lhe dissera: “Esse avião é tão bem construído que dá para ajustar o compensador e depois recostar na cadeira, segurando o *manche* com o mindinho.” (O com-

Os dois últimos eram um iniciante mais experiente com fita estática e o próprio Jerry. Garth olhou pelo retrovisor e viu o paraquedista com a fita estática ajoelhado junto à abertura. Piscou e o homem sumiu.

Garth fez outro ajuste para manter o Islander nivelado. Pelo espelho, viu Jerry recolher a fita estática. Trinta se-



Garth no campo de pouso.

**“CONTEI OS
PARAQUEDAS E
TEM UM A MENOS
DO QUE NA
LISTAGEM...”
HOUE SILÊNCIO.**

pensador mantém os controles na posição-padrão quando não estão sendo usados; o *manche* controla a altitude.)

A 3.000 pés de altura – pouco mais de 900 metros –, Jerry, o mestre de salto, abriu a porta do Islander, enchendo o aparelho de vento. Um a um, os paraquedistas com fita estática se posicionaram junto à abertura: ajoelharam-se com um pé para fora do avião, uma das mãos na moldura da porta, a outra no chão. No espelho retrovisor, Garth viu cada um deles por uma fração de segundo; depois, num instante, sumiam.

Ele fez a volta e subiu para 5.000 pés (1.500 metros), de onde os paraquedistas mais experientes saltariam em queda livre. Cada vez que um deles saltava, Garth fazia pequenos ajustes para compensar a mudança de peso.

gundos depois, Jerry sorriu para Garth e lhe mostrou o polegar erguido. Em seguida, sumiu também. Perfeito.

Garth puxou a alavanca para fechar a porta. Ela agarrou. Ele olhou por cima do ombro e viu que uma fita estática ainda estava pendurada do lado de fora do avião, e xingou Jerry por não tê-la puxado direito. A fita, que tem uma bolsinha na ponta, criaria força de arrasto e talvez deixasse o Islander meio rebelde; mais tarde, Jerry teria de lhe pagar uma cerveja para compensar.

Pelo rádio, Garth chamou a torre de controle:

– Aqui é Juliet-Sierra-Alfa-Tango. Estou com uma fita estática pendurada para fora do avião e não consigo fechar a porta.

O rádio respondeu:

- Desça devagar.

O Islander parecia se arrastar e Garth adoraria estar de volta à pista. Quando se aproximou das árvores, o rádio estalou:

- Ainda tem alguém no avião?

- Negativo - respondeu Garth.

- É que contei os paraquedas e tem um a menos do que na listagem - disse o controlador. Houve silêncio. Deviam ter deixado de contar alguém.

Dali a minutos, os flapes de pouso foram acionados e o avião se aproximou da pista. De repente, o rádio deu a ordem de emergência:

- Meia-volta, meia-volta!

O coração de Garth deu um pulo. Ele aplicou força total, recolheu os flapes de pouso e puxou o *manche*. Ao subir, tudo se encaixou. Um paraquedas a menos, excesso de arrasto, uma fita estática pendurada: Jerry devia ter se embarçado nela. Dali a segundos, o rádio confirmou o seu temor.

- Ainda está preso! Repito: ele ainda está preso! Suba para 7.500 pés!

De repente, Garth pensou no AAD de Jerry, o dispositivo de ativação automática do paraquedas reserva. Se o avião tivesse descido mais depressa, o

dispositivo teria sido acionado, o paraquedas se abriria e Jerry seria dilacerado. Depois, o paraquedas danificaria a estrutura do avião ou se prenderia na cauda. Ambos teriam morrido.

O Islander nivelou-se a 7.500 pés (2.200 metros) e Garth aguardou as instruções. A primeira foi a mais louca: ele desceria para pousar e se encontraria com outro avião na mesma velocidade. Os dois se nivelariam e Jerry seria agarrado e libertado. Parecia coisa de filme, e muitos fatores poderiam dar errado.

A segunda ideia foi descer suavemente e pousar na grama. Seria duro para Jerry, mas talvez, em teoria, ele sobrevivesse. Mas também poderia dar tudo errado. Quando Jerry pousasse, a perna poderia ser arrancada do corpo ou ele poderia ser sugado pelas hélices.

Farei o possível por você, Jerry, pensou Garth, mas ainda bem que não estou no seu lugar. Que situação!

- Garth - chamou o controlador -, se você ajustasse o compensador direitinho, não daria para largar os controles e soltá-lo?

Garth recordou o que o instrutor dissera sobre o Islander.

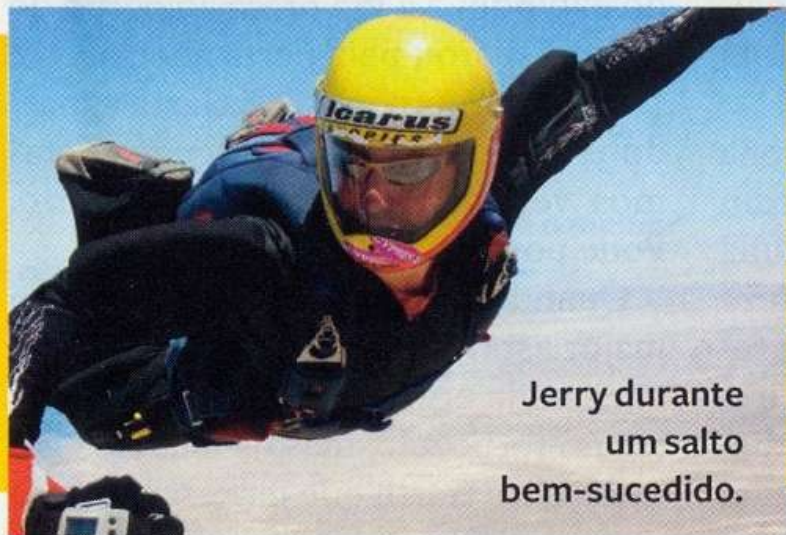


“Se o avião descesse muito rapidamente, o paraquedas se abriria e Jerry seria dilacerado.”

- Claro, claro, posso tentar.

Ele deu uma olhada para trás. Depois da porta dos saltos havia, presa à parede da fuselagem, uma faca de emergência numa bainha. Ele disse a si mesmo: *Vá até lá, solte a faca, corte a fita, liberte Jerry, o paraquedas dele vai se abrir e iremos todos para casa.* Parecia simples.

mento sem peso, sem ser mais arrastado. Garth conseguiu avistá-lo pelo espelho. A fita estática e a bolsa tinham se enrolado no tornozelo dele, presas pela pressão. O vento soprara a camisa e o agasalho para cima, e dava para ver o peito nu. A pele estava azulada. Naquela temperatura e naquela altitude, ele não sobreviveria muito tempo.



Jerry durante um salto bem-sucedido.

GARTH CONSEGUIU AVISTAR JERRY PELO ESPELHO. ELE NÃO SOBREVIVERIA MUITO TEMPO.

Garth ajustou os controles para que o Islander voasse nivelado. Olhou a faca: *Três segundos, é só do que preciso para pegá-la.* Verificou a velocidade e o indicador de altitude e comunicou pelo rádio: “Vou pegar a faca.”

Três passos e ele passou pela porta aberta e chegou à faca. Puxou o cabo, mas a faca não se soltou. Ele se lembrou de que tinha de acionar uma trava de segurança para soltar a lâmina. Mas não conseguia soltá-la.

Então, o aumento do peso na cauda do Islander fez o nariz se inclinar 45 graus. A velocidade se reduziu; em segundos Jerry ficaria preso na hélice. Garth correu de volta para os controles e empurrou o *manche* para a frente.

Quando o avião se aprumou, Jerry sentiu a “gravidade negativa”, um mo-

Garth avisou pelo rádio: “Não consigo tirar a faca, não consigo nivelar o avião.” Agora, os dois primeiros planos, aqueles perigosíssimos, teriam de ser reconsiderados.

Então, Garth teve uma ideia. O problema era a inclinação do Islander: bastava inclinar o nariz para baixo antes de ajustar o compensador. Então, quando fosse para os fundos, o avião se nivelaria, e ele teria mais tempo para pegar a faca.

Na primeira tentativa, baixou o nariz em excesso. Perderam altura depressa demais, mesmo com o peso dele na cauda. Garth tentou de novo, com uma inclinação menor. Conseguiu chegar à faca mas não soltá-la a tempo. Voltou, alterou o nariz e tentou de novo e de novo.

Seis tentativas depois, ele estava prestes a desistir. Então, de repente, percebeu que seu corpo não era a única variável. Havia o corpo de Jerry lá fora, arrastado por três metros de fita. Isso desestabilizava o ângulo da inclinação. Garth ajustou os controles para compensar tanto o movimento do seu peso quanto o arrasto de Jerry. Dessa vez, chegou à balsa e finalmente soltou a fita. Correu de volta aos controles: "Peguei!"

O avião se afastara demais da zona de salto. Garth agarrou o *manche* com ambas as mãos e pôs o Islander numa rota de volta para casa. Tinha certeza de que Jerry estava inconsciente; teria de contar com o AAD para abrir o paraquedas de emergência. Se o dispositivo estivesse avariado ou mal ajustado, cortar a fita seria uma condenação à morte.

Quando sobrevoava a área de salto, Garth avisou pelo rádio:

- Estou pronto para cortar.

E a voz respondeu:

- Corte.

Garth ajustou a inclinação mais uma vez e foi para os fundos do Islan-

der. As fitas estáticas são feitas de um material parecido com o dos cintos de segurança dos carros: não é nada fácil cortá-las. Ele hesitou; a tensão na fita era enorme: além do peso de um adulto, havia a pressão da velocidade do Islander arrastando o corpo pelo ar. Garth forçou a lâmina na lateral da fita. Numa fração de segundo, o tecido explodiu e a fita presa ao corpo de Jerry disparou pela porta aberta.

De volta aos controles, Garth aguardou. Então, veio a mensagem: "Estamos vendo um paraquedas seguro. Pode pousar."

Quando Garth viu Jerry de novo, o major estava no hospital com a perna engessada erguida. Tinha queimaduras no tornozelo, mas os médicos garantiram a Garth que Jerry não ficaria com sequelas.

Três dias depois do voo, Jerry estava consciente. Meio tonto com os analgésicos, pegou um pedaço de papel e escreveu: "Garth, obrigado por salvar a minha vida."

A Royal Humane Society condecorou Garth Greyling com uma medalha de bravura.

O MISTÉRIO QUE VALIA OURO!

Quando cheguei ao caixa do supermercado, vi que tinha esquecido meu cartão de crédito. O atendente separou minhas compras para que eu fosse em casa buscar o cartão. Meu marido, que estava em casa, quis voltar lá comigo. No estacionamento, reparei em um homem dentro de um carro, com uma cara não muito feliz, parado perto de nós. Eu e meu marido entramos rápido no mercado, pagamos e saímos.

Enquanto guardávamos as compras no carro, o homem aproximou-se.

- Como conseguiram fazer isso? - perguntou ele. - Passaram dez minutos no mercado e estou esperando por minha mulher há uma hora!